

# O PURGATÓRIO E SEU NASCIMENTO NO CATOLICISMO POPULAR BRASILEIRO

Wanderley Reis da Silva<sup>1</sup>

## RESUMO

Neste artigo procura-se mostrar a trajetória e a gênese do Purgatório desde seus fundamentos bíblicos vétero e neotestamentários. Passa pelos escritos dos chamados Pais da Igreja com a realidade dos sufrágios, suas nuances no início do século II, III e IV, as visões de muitos místicos, para corroborar o lugar de *Refrigerium* e a forma do europeu vivenciar a chamada *Penae Purgatoris* e sua consequência no cotidiano dos fiéis. Após isso, a pesquisa envereda-se por uma releitura do Purgatório, através da religiosidade sertaneja nordestina nos intitulados “Cordéis” e sua influência histórica e sociológica com temas relacionados ao Céu, Inferno e Purgatório.

**Palavras-chave:** Purgatório, Sufrágio, Refrigerium, Cordel, Céu, Inferno.

## ABSTRACT

This paper seeks to show the trajectory and the genesis of Purgatory since their biblical foundations in Ancient and New Testament, from the writings of the Church Fathers called with the reality of the votes, its nuances at the beginning of II, III and IV century, the views of many mystics to corroborate the place of *Refrigerium* and shape of European experience to call *Penae Purgatoris* and its consequence in everyday life of the faithful. After that, the search is appealing by a rereading of Purgatory through the northeastern backlands in religiosity entitled “Cordel” and its historical and sociological influence on issues related to Heaven, Hell and Purgatory.

**Keywords:** Purgatory, Sulfrage, Refrigerium, Cordel, Heaven, Hell.

## INTRODUÇÃO

Não há alma sem corpo, que tantos corpos faça sem almas, como este purgatório a que chamais honra: onde muitas vezes os homens cuidam que a ganham, aí a perdem (*Camões*).

O imaginário do Além foi e será capaz de deixar muitos estudiosos, quer sejam cristãos ou não, intrinsecamente intrigados. Na Era Medieval o cristianismo levou o homem a pensar mais no Céu do que no Inferno, no sistema alto e baixo, conforme o Credo Apostólico. O Cristianismo, destarte, segue seu curso com o Dogma do Purgatório para expiação dos pecados, sobretudo, a crença da metempsicose (grego. μετεμψύχωσις, meta “além de”, psiquê “alma”), que permite escalonamentos das penas e castigos intermediários, com expiação no *Hades*.

Neste artigo, demonstro o ponto de vista, segundo Jacques Le Goff, sobre a questão do Purgatório, usando como base o livro “O Nascimento do Purgatório” e descrevendo, rapidamente, a história dos primórdios em concomitância com o aparecimento deste termo e, também, pelo fato do Brasil ter sido “descoberto” por um povo cuja religião era Católica Apostólica Romana e o imaginário tanto dos que estavam na *terra brasílis*, como da mudança drástica que aqui ocorreu. Assim, nasceu o desejo de relacionar o Purgatório na pesquisa de Jacques Le Goff e a Literatura de Cordel imbuída de significado sociológico e histórico, trazendo sua essência, em uma releitura no imaginário nordestino popular.

### O purgatório e seu nascimento

A gênese teológica do Purgatório é antiga. Segundo o historiador Jacques Le Goff<sup>2</sup>, em seu livro intitulado “O Nascimento do Purgatório”, (1995, p.19) tal conceito surge na “crença da imortalidade e da ressurreição”. Mas, o pensamento de uma purificação no Além, não é fruto do pensamento cristão *per se*; a dualidade do “aqui e agora” e do “Além-Túmulo” aparecem também nas culturas egípcia, babilônica, grega e “bárbara”, onde o “deus da cólera” se revela nas profundezas da terra. Na religião judaica, o *Sheol*<sup>3</sup> é atestado em textos como Gn. 38.35; I Sm 18 e Sl 30.3 e, para Le Goff, vários textos hebraicos, siríacos, coptas, egípcios, árabes e latinos deram sua contribuição para a formação do futuro Dogma do Purgatório e enriqueceram a concepção do mundo do “Além-Túmulo”. Logicamente o fogo – *ignis* – torna o ser humano limpo e imortal e será de grande valia aos descobridores do Purgatório, mesmo porque

tais rituais com elementos ígneos serviam, na Antiguidade, como um cerimonial de mudança e de transitoriedade. A presença do fogo regenerador na concepção pré-cristã se encontrava entre gregos, romanos, indianos e iranianos influenciando, destarte, o futuro pensamento de um “Lugar de Purificação” entre o Céu e Inferno.

Como a doutrina – e futuro Dogma - do Purgatório e sua gênese, teriam que ser provadas por textos bíblicos, o Livro de Macabeus serviu como fonte, desde Santo Agostinho a Tomás de Aquino. No texto em questão, Judas Macabeu ordena que se reze pelas almas de seus combatentes mortos em uma batalha, depois de os mesmos terem cometido um delito misterioso: “*Eis porque ele mandou fazer aquele sacrifício expiatório pelos mortos, a fim de que ficassem livres do pecado*” (II Mc 12.41,46). Outro texto fundamental para a elaboração da ideia do Purgatório encontra-se no Evangelho de São Mateus que reza: “*Digo-vos que todo o pecado e blasfêmia serão remidos aos homens, mas a blasfêmia contra o Espírito Santo não será remida (...) nem neste mundo, nem no outro*” (ALMEIDA, 1969, p.20); esse texto supõe uma absolvição de pecados no Além-Túmulo acrescentando, ainda, a Epístola de S. Paulo aos Coríntios onde lemos: “*(...) quanto a ele, será salvo, mas como através do fogo*” (2 Co. 3.15b). Trata-se de uma difícilíssima passagem – que Le Goff não entra em detalhes – mas que dá margem a uma prova de fogo - *ignis* -, pois, o Purgatório em sua gênese era um lugar composto por fogo, mas sem localização precisa.

Segundo Le Goff (1995, p.65) a primeira inscrição em um epitáfio que faz alusão à redenção da alma de um defunto pertence ao século V e nela podia-se ler: “*PRO REDEMPTIONEM ANIMAE SUAE*”, ou seja, “*PARA A REDENÇÃO DE SUA ALMA*”. Para Tertuliano, havia uma “residência” para os justos à espera da redenção, a saber, um *refrigerium interim*, ou consolo intermediário no “Seio de Abraão”, um lugar obscuro e misterioso que não é o Céu e nem o Inferno, baseando-se, logicamente, no relato mítico do Rico e do Pobre Lázaro.

Na realidade, foram os gregos os verdadeiros iniciadores do Dogma do futuro Purgatório, Clemente de Alexandria e Orígenes e influenciados, naturalmente, pela filosofia grega pagã que ensinava que os deuses não castigavam, mas purificavam através do fogo. Orígenes acreditava que o fogo, após a morte, serviria como purgação (*purgatione, indiget*) e, só depois da alma ter passado por ele, através de um rio de fogo (*in ígneo flumine*), Cristo a receberia no Reino dos Céus. Mas existe um problema, para Orígenes, um universalista convicto: o Inferno e Purgatório são passageiros e, no final, todos serão sal-

vos. Em Clemente encontramos o *refrigerium* – alento na alma – como consolo das almas com pecados veniais e sem fazer penitência antes da morte.

Mas, em verdade, o primeiro “pai” do futuro Purgatório foi, sem dúvida, Santo Agostinho de Hipona. O Bispo de Hipona também não encontrava um fundamento real e fidedigno para tal Dogma nas páginas do Novo Testamento. Por causa do falecimento de sua mãe, Santa Mônica, Agostinho foi o primeiro teólogo a afirmar a eficiência da oração pelos mortos e, segundo o professor Felipe Aquino<sup>4</sup> (AQUINO, 2010), a Igreja toma sobre si o ônus de orar e suplicar pelos mortos e que os mesmos beneficiam-se de tais sufrágios. Aponta Le Goff, (1995, p.87-88) que Agostinho aceitou o sufrágio pelos mortos em um momento de comoção pela perda de sua amada mãe. As Obras, o Batismo, a Eucaristia ajudarão sua mãe a alcançar o Paraíso, além do mais, ele acredita piamente em um fogo purgatório sobre o qual muito experimentarão antes de passar pelo Julgamento Final. Depois de Agostinho, Gregório Magno atesta que os Sacramentos são salutares às almas depois da morte e o Purgatório, passa a ser visto como um *hoc loco poenalli* – lugar de pena – no além (LE GOFF, 1995, p.115).

No imaginário religioso da Alta Idade Média – principalmente na Era Pós-Carolíngia – o ser humano está intimamente ligado ao Sagrado através da Igreja Católica Romana que está coadunada ao dia a dia do devoto e, como implicação para o futuro Dogma do Purgatório. As visões de místicos e sonhadores terão grande importância e mérito. Segundo Le Goff (1995, p. 134) a cultura das chamadas tribos “bárbaras” contribuiu significativamente para o desenvolvimento do Dogma, como, por exemplo, a mitologia Celta com suas viagens por montanhas e ilhas venturosas e, entre Escandinavos e Germanos, o Purgatório herdará a ideia de atravessar o desconhecido com seus rios e pontes, com alusão ao *Bifrost* - ponte que ligava o domínio dos deuses ao mundo do ser humano – mitológico. São muitas as visões de místicos medievais que interessam à formação do imaginário popular acerca do Purgatório, mas uma destas visões marcou deveras. Trata-se do sonho – ou visão – do Imperador Carlos, o Gordo, no ano de 888, onde, segundo Le Goff (1995, p.145) bispos e prelados são encontrados em um vale cheio de chumbo, fuligem e enxofre, pela falta de obediência aos desígnios de Deus na Terra.

Destarte, o fogo Purgatório – *Ignis Purgatorius* – começa a fixar-se na mentalidade europeia com mais tenacidade, mesmo porque a Igreja inicia um processo litúrgico com mais ênfase no caráter do *post-mortem*, geralmente ligado ao sufrágio pelos mortos (LE GOFF, 1995, p.147). Duas coisas são importantes, na liturgia, para a formação do Purgatório: A ausência ou falta de

referência a um castigo ou expiação após a morte, assim, a alma expurgada alude ao perdão dos pecados e a Eucaristia conduz a alma à vida eterna. Em segundo lugar, a introdução do Momento dos Mortos na Missa desde a época de Gregório e, também, o uso de invocações diárias dos nomes dos mortos no Sacrifício da Missa, pois, conforme relata Dom Oscar de Oliveira, Bispo de Mariana: “(...) Os sufrágios dos fiéis e, principalmente, o Santo Sacrifício, são muito úteis às almas” (OLIVEIRA, 1996, p.12) em uma clara alusão ao costume medieval de purificação das almas através do Sacrifício da Missa.

Através da liturgia do Sacrifício Eucarístico existe a implicação de encerrar a vida no *post mortem* - após a morte – além do Céu e Inferno, ou seja, a ideia de um lugar intermediário que permeia a mentalidade religiosa do homem medieval. O editor Kevin Knight<sup>5</sup> ressalta que:

(...) A prática apostólica de orar pelos mortos, que passou para a Liturgia da Igreja, já é clara no século IV (...) Não só as orações pelos mortos foram encontradas em todas as liturgias, mas os Pais – da Igreja – afirmaram que tal prática era dos próprios apóstolos (...) (KINGHT, Kevin, 2009, p.11 ).

Conforme Le Goff (1995, p.160), o século XII foi muito vibrante para a cristandade latina e, diga-se de passagem, para aqueles chamados Católicos Romanos, principalmente pela queda da escravatura, que logo foi substituída por um sistema senhorial dádade, com o clero dominando a todos, de Imperadores ao povo e de modo senhorial. A intitulada Reforma Gregoriana tenta corrigir os abusos morais dentro dos Mosteiros e Conventos. Além disso, o Papa Gregório VII, iniciador da Reforma, concentra-se, dentro dos estudos teológicos, na localização - *locus* – para a purgação dos pecados. Dentre os pensadores do modelo teológico de Gregório podemos citar *Honorius Augustodunensis*<sup>6</sup> – discípulo de Scoto Erígina – que, em sua obra *Elucidarium* – citada por Le Goff (1995, p. 167-68) declara:

Alguns sofrem a purgação nesta vida (...). Mas, depois desta, a purgação toma a forma quer do calor excessivo do fogo, quer do grande rigor do frio (...) Enquanto estão nisto aparecem-lhes, de vez em quando, os anjos ou os santos que eles honraram por alguma ação em vida, e estes trazem-lhes ar ou um perfume suave (...) até que, libertos, eles entrem nesta corte que não acolhe qualquer mácula.

Le Goff (1995, p.179) destaca que Pedro Lombardo - teólogo escolástico do século XII – fixa o *locus* – lugar – como temporal e espacial, além do mais enfatiza, veementemente, a passagem da primeira epístola paulina aos cristãos de Corinto (3.10-15) onde, segundo sua própria exegese, designa que o feno, madeira e palha significam os pecados veniais – leves e perdoáveis – no Purgatório, serão extirpados pelo fogo, com pena “mais ou menos longa”. *Odon d’Ourscamp* – aluno de Pedro Lombardo e monge Cisterciense – afirmava que uma alma separada do corpo logo entra no Purgatório – *intrat purgatorium statim* – e, todas aquelas que lá se encontram são punidas (LE GOFF, p.191). No ensino Escolástico ainda podemos citar Pedro, o Chantre que afirmava que as almas com pecados passam pelo Purgatório – *per purgatorium* – (LE GOFF, 1995, p.199). Com o sistema Escolástico verdadeiramente imposto nos cursos teológicos, o Purgatório começa a suscitar interesse, principalmente, entre as novas Ordens Mendicantes, a saber, Franciscanos e Dominicanos. Além disso, a filosofia chamada “pagã” começa a influenciar os intelectuais da época, como por exemplo, Guillaume d’Auvergne que, segundo Le Goff (1995, p.287) foi o primeiro maior filósofo do século XIII e acreditava que o Purgatório era o prosseguimento das penitências terrestres e, o local do Purgatório – *locus Purgatorium* – para esse teólogo, é aqui mesmo “cá embaixo no mundo” (LE GOFF, 1995, p.290). Boaventura – aluno de Alexandre de Hales – declarava que a pena do Purgatório – *Poenae Purgatoriae* – era a mais pesada de todas e os sufrágios realizados pela Madre Igreja ajudavam as miseráveis almas na purificação de seus delitos. No século em questão – XIII – a Igreja já havia inculcido o pensamento de um local intermediário – além do Céu e Inferno – na mente do homem medieval, assim, o Purgatório ganha mais destaque entre o imaginário popular. Mas, dentre os Escolásticos, o nome que impera é o de São Tomás de Aquino (1225-1274) que escreveu em seu Tratado de Teologia:

(...) algumas almas imediatamente após a separação do corpo (...) a beatitude eterna (...) só consigam após certo tempo (...) alguns não completaram nesta vida a penitência exigida pelos pecados cometidos, dos quais, se arrependeram. Como a justiça divina exige que as culpas sejam punidas, deve-se afirmar que, após esta vida, as almas devem cumprir a pena que neste mundo não cumpriram (...) Acontece também que alguns deixam esta vida sem pecado mortal, mas com pecado venial (...) Esses pecados são purgados nos homens perfeitos, pelo fervor da caridade (...) É, portanto, necessário que existam penas purgatórias após esta vida (LE GOFF, 1995, p.313-315 ).

Para o *Doctor Angelicus*, rezar, ou sufragar, pelos defuntos é condição necessária (*sine qua non*) para o conforto e refrigério das pobres almas. Mas Tomás de Aquino é perspicaz, pois, como escolástico, argumenta que as Escrituras Sagradas nada dizem sobre a localização do Purgatório e insere o lugar na purificação às escondidas – no subterrâneo – quase ao lado do Inferno (LE GOFF, 1995, p.319). E, seja como for, parece que o Purgatório começa mesmo aqui, no “andar de baixo”. As preces concedem graça à alma sofrida pela comunhão dos Santos (*Sanctorum Communio*) e pelos sufrágios e caridade dos vivos. O defunto é o único que se beneficia da oração dirigida pela Santa Madre Igreja. Nessa época, também viveu um Papa que ajudou a consolidar o Dogma do Purgatório, seu nome pontifical era Inocêncio IV. Assim, no ano de 1439, no Concílio de Florença, a crença no Purgatório como local de purificação de pecados foi determinado e consolidado como Dogma, ou seja, verdade intrínseca que não pode ser negada, nem mesmo pelo Sumo Pontífice.

### **Uma leitura brasileira**

Com o início das Grandes Navegações, a Igreja Católica leva sua fé e seus Dogmas a outros povos e, logicamente, o Purgatório é usado para amedrontar e “amansar” os conquistados, e isso não foi diferente em nosso país. Portanto, transportaremos o assunto em pauta para uma leitura brasileira, mais precisamente, no modo de pensar e viver o Purgatório do povo nordestino.

Conforme Geraldo Pieroni<sup>7</sup> “desde o descobrimento somos cercados pelo Dogma do Purgatório.” Teria razão o jesuíta Antonil, em 1707, ao reafirmar o provérbio de que o Brasil seria “o inferno dos negros, o purgatório dos brancos e o paraíso dos mulatos e das mulatas?”. Já para o Prof. Dr. Fábio Pestana Ramos<sup>8</sup> (2011), o Brasil foi comparado a um lugar para onde se dirigem os religiosos europeus a fim de converterem os índios, salvando-os da danação eterna e, ao mesmo tempo, onde sofreriam os mesmos martírios dos apóstolos e santos, purificando suas próprias almas.

A colonização do Brasil se deu numa época de ambiguidades, ou seja, se por um lado as transformações do Final da Baixa Idade Média descortinavam a modernidade com todas as críticas feitas ao pensamento medieval, por outro, uma mentalidade religiosa marcada pelo obscurantismo e pelo fatalismo ainda estaria presente por longos séculos. A Bahia era descrita como terra de fartura. Conforme Lima (1998, p.92)<sup>8</sup> tudo era cercado pelo medo tanto dos habitantes das novas terras, como pelos ocupante. Assim, a visão do Paraíso, que já era “singularmente reduzida”, foi se rarefazendo à medida que o colono

português embrenhava-se território adentro. Para manipular a fé de um povo, nada mais forte que criar uma terra cheia de questões dogmáticas entre Céu, Purgatório e Inferno, desse modo, a colonização seria uma possibilidade de “redenção”. E é pertinente pensar que, no final do século XV, a travessia do mar era tida como purificação, onde se purgavam os pecados cometidos na metrópole. No Brasil, quando já instalada a colonização, o primeiro a formular a questão do Purgatório foi o padre Manuel da Nóbrega (SOUZA, 2009, p.105)<sup>10</sup>, pois, o ato de purgar seria o sacrifício através do trabalho árduo e difícil, queimar os pecados pela produção do açúcar. Purgatório, Céu e Inferno foram as formulações mentais que Laura de Mello Souza acredita que os colonizadores investiram nos três primeiros anos de colonização de dominação: “Nelas, fundiram-se mitos, tradições europeias seculares e o universo cultural dos ameríndios e africanos” (SOUZA, 2009, p.117).

### **Purgatório e a literatura de cordel**

No nordeste a colonização se deu pelo litoral, onde os portugueses encontraram condições ideais para o plantio de cana-de-açúcar, que era compreendida como um processo de purgação, em comparação ao homem e seu trabalho forçado. E a religião? A Igreja Católica no Brasil com suas facetas de anomalias, fanatismo, fetichismos e, por vezes, opressão, permeia a cultura religiosa do sertanejo ocupando espaço no cotidiano popular. A religiosidade dá um teor de formulações mágicas e uma forte preocupação de salvar a alma através dos santos de proteção e, tal relação, deve-se à catequese dos missionários que atuaram no final do século XIX e início do XX. Tudo passa a ser relatado, assim nasce a Literatura de Cordel que tem sua origem nas chamadas Feiras Medievais europeias - século XV – onde o trovador, ou menestrel, cantava sua gesta (cantiga) que envolvia aventura, romance e lendas de reis valentes, para isso, o trovador medieval passava a decorá-las e a cantá-las em versos. No auge do Renascimento difundiu-se o relato de acontecimentos trovadorescos, em forma de prosa e verso, impressos em folhetos e, assim, manteve-se uma forma literária que se popularizou no Brasil, como assevera Abreu:

(...) No início do século – XIX – as diferenças entre campo e cidade não eram tão marcadas no Nordeste e, embora poetas e leitores pertencessem fundamentalmente às camadas pobres da população, membros da elite econômica também tinham nos folhetos e nas cantorias uma de suas principais fontes de lazer (ABREU, 1999, p.95)<sup>11</sup>.

Na região Nordeste as pelepas cantadas eram voltadas para provocações com rimas improvisadas, e foram impressas neste estilo a partir do século XIX. Por ser produção de baixo custo, criou-se uma modalidade nova de literatura, a Poesia de Cordel. Devido ao analfabetismo da época, era de fácil memorização, e essa foi uma característica marcante no Nordeste agrário dos séculos XVIII e XIX. Assim o Cordel é uma recriação de uma tradição já existente para adaptar-se a uma nova situação.

Na segunda metade do século XIX inicia-se a produção de folhetos brasileiros, com suas características próprias e seus temas cotidianos, lendas e temas religiosos. O grande mestre de Pombal, Leandro Gomes de Barros – considerado o Patrono da Literatura Popular em verso – foi considerado um dos pioneiros em rima, lidando com a temática do martelo, sendo um dos estilos dentre vários a serem compostos. O Cordel intitulado “Peleja de Manoel Riachão com o Diabo”, alguns escritores argumentam ser um dos primeiros a serem registrados em folheto. Uma narrativa escrita que virou repente na oralidade, onde o canto do martelo se faz presente, isto é, uma troca de diálogos entre dois repentistas. A Literatura de Cordel é uma produção típica e singular do Nordeste, sobretudo nos Estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Costumava ser – e ainda é – vendido em feiras livres e mercados pelos próprios autores. Além dos santos, pessoas célebres do sertão são usadas como inspiração para belíssimos cordéis sendo Virgulino Ferreira da Silva<sup>12</sup>, vulgo Lampião *hors concours* no tema. Por ser caracterizado como herói, ele, o cangaceiro, é capaz de lidar com questões do além-túmulo. Destarte, a reflexão nesta arte pode ser voltada aos questionamentos teológicos e sociais do próprio sertanejo, como por exemplo, o tema da chegada de Lampião ao Purgatório:

(...) Lampião não sendo aceito, No Inferno nem no Céu, Caminhou pelos espaços vagando de léu em léu, Sentindo o peso das culpas, sem admitir desculpas, Como um verdadeiro Céu. (A Chegada de Lampião ao Purgatório, p.3).

É notória a fortaleza que Lampião passa ao sertanejo, seus feitos marcam época até no além-túmulo. Na trilogia de “Lampião chegando ao Céu”, por Rodolfo C. Cavalcanti, “Lampião chegando ao Inferno”, por Manoel d’Almeida Filho e “A chegada de Lampião ao Purgatório” de Luiz G. de Lima todos os Cordéis são imbuídos pelo folclore popular nordestino e, concomitantemente, pelo imaginário cristão católico romano. O Purgatório, tema que nos interessa, passa por uma metamorfose. Assim, o que seria aos olhos dos europeus um lugar de combustão onde a alma purga seus pecados, recebendo o sufrágio da Madre Igreja e dos entes queridos, para o cordelista é o lugar em que o mito,

no caso, Lampião, pode transformar tudo “a seu bel prazer”:

Sem saber como ou porque, Encontrei-me no Inferno, Bati em mais de mil diabos (...) E corri das labaredas, Em busca do Pai Eterno, Porém lá, São Pedro não me deixou entrar no Céu, Dizendo que cangaceiro não tem vez, só por ser réu, Prontamente me expulsou, Por isso até hoje estou, andando de léu em léu (...) Passando por aqui vi, esse lindo casarão, uma linda moça com asas disse: Aqui ninguém não come, Comidas materiais, porque não se sente fome, em busca da Salvação (...) Alma não come nem bebe (...) Mas a moça respondeu: Essa casa é o Purgatório, um lugar de penitência, pura como um oratório (...) Essa casa hospitalar, foi construída por Deus, para sanar os pecados (...) É o hospital dos pecados, onde todos são curados, com oração e paciência (...) Os seus crimes são PURGADOS (...) Lampião (...) Vou entrar para jantar a comida que tiver, E vocês fiquem caladas, porque faço o que quiser, Só procuro o meu conforto, Pois mesmo depois de morto, não obedeço a mulher (LIMA, 1981).

O cangaceiro não possui respeito por nada e por ninguém e, mesmo no Purgatório, onde os pecados são purificados, Lampião continua com sua personalidade destemida e arrogante, sem temer o Sagrado e seus signos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Purgatório e outras crenças católicas estão presentes na vida do sertanejo. O grande problema é que a Igreja Institucional não aceita muito bem determinada práticas religiosas populares, exemplo disso é o culto exacerbado – não para o sertanejo – do “Padim” Padre Cícero Romão Batista, e outros beatos, que influenciaram a vida do sertanejo, vida sofrida, mas regada a “samba e cachaçada nas horas de lazer” (VIRGOLINO, *online*<sup>13</sup>). O Purgatório, para o sertanejo, é mais acessível que o Céu e Inferno, afinal, Lampião esteve lá, ele é um “de nós”! Padre Cícero foi excomungado por ter dado valor intenso a um milagre. O sertanejo não quer saber. Milagre é milagre e meu “padim Cíço” intercede por nós. Com o Purgatório é a mesma coisa. Lembremos do cangaceiro Jararaca: matou, roubou e, mesmo assim, sua figura disseminou um culto onde os fiéis são mesmo fiéis e o que a Cúria Romana pensa não tem importância alguma. Para o europeu é uma afronta, mas, o Jararaca intercede por todos, queira o bispo, ou não, queira o Papa, ou não. O Purgatório “à moda” europeia foi aceito paulatinamente e, repleto de textos teológicos, filosóficos, tomistas e místicos, com mudanças significativas com o passar dos séculos.

No universo do sertanejo, o Purgatório também é recebido aos moldes europeus, mas concretiza-se através da oralidade, das crendices e, principalmente, do cordelista ao contar seus “causos” e a bater “martelo” com um colega nas praças dos povoados, vilarejos e pequenas cidades. Seus conterrâneos são os atores centrais, ou seja, gente da própria terra. Santa Catarina de Gênova, Carlos, O Gordo, Santa Faustina Kowalska? Não. Que tal, Lampião, “Padim Ciço”, Jararaca e, até mesmo, Roberto Carlos (Carta de Satanás a Roberto Carlos, por Enéas T. Santos, teve grande repercussão em 1965). Sim. Para o sertanejo o Purgatório ainda faz parte de sua vida e a Santa Madre Igreja ainda não atinou que, para o sertanejo sofrido o Purgatório não é um *locus* – lugar – inalcançável, mas é aqui mesmo. Sim, aqui mesmo! O sertanejo paga por seus pecados na terra e crê no Dogma do Purgatório à sua maneira. Ele quer sarar suas feridas rezando ao seu santo padroeiro, ele deseja saciar sua sede e matar sua fome. Portanto, para o sertanejo o Purgatório é aqui. Termina com as palavras do próprio Padre Cícero:

Eu tenho aconselhado sempre a todos que aqui (Juazeiro) vêm que rezem o Santíssimo rosário da Mãe de Deus em sufrágio e salvação das almas do Purgatório, para que ela nos tome, nos guarde e nos livre de tão grandes males, e desses pecadores que tantos crimes e males praticam (...) (WALKER, Disponível: <http://www.padrecicero.net/p/conselhos.html>).<sup>14</sup>

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ABREU, Márcia. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas, SP: Mercado de letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999.
- AUGUSTODUNENSIS, Honorius Elucidarium. In MIGNE, Patrologia Latina, CLXXII, 1109 – 1176D.
- BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada. Traduzida por ALMEIDA, João Ferreira de. Sociedade Bíblica do Brasil. 1969.
- CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *A Chegada de Lampião no céu*. São Paulo: Luzeiro Ltda, 1959.
- HAURÉLIO, Marco. *A Briga do Major Ramiro com o Diabo*. São Paulo: Luzeiro, 2008.
- LE GOFF, Jacques. *O Nascimento do Purgatório*. Lisboa: Estampa, 1995.
- LIMA, Luiz Gonzaga de. *A Chegada de Lampião no Purgatório*. São Paulo: Luzeiro Ltda, 1987.
- \_\_\_\_\_. *O Encontro de Lampião com Saturnino no Inferno*. São Paulo: Luzeiro Ltda, 1987.
- LIMA, Francisco Ferreira de. *O outro livro das maravilhas: A peregrinação de Fernão Mendes Pinto*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Salvador, BA: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1998.
- LUTERO, Martinho. *Bíblia Sagrada com reflexões de Almeida Revista e Corrigida*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.
- OLIVEIRA, Dom Oscar de. *SUFRÁGIO: Oração e novenas para sufragar as Almas do Purgatório-Imprimatur*. Minas Gerais: Divina Misericórdia, 1996.

SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a Terra de Santa Cruz: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

#### SITES

AQUINO, Felipe. *O cuidado devido aos mortos – Santo Agostinho. Cleofas, Publicado em 8/12/2010. Disponível em: <http://cleofas.com.br/o-cuidado-devido-aos-mortos-santo-agostinho-parte-1->* Acessado em 05/09.13.

\_\_\_\_\_ *O Purgatório e as Indulgências*. Disponível em: <http://cleofas.com.br/o-purgatorio-e-as-indulgencias-parte-2/> acessado em 03/01.14.

BERGOGLIO, Papa Garcez – *Laudato sie, mi Signore, cum tucte Le tue criature - São Francisco de Assis e o Cântico das Criaturas*. Livro docente da FFLCHUSP – Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19641121\\_lumen-gentium\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html)> acessado em 27/12.13.

\_\_\_\_\_ *Catecismo da Santa Igreja - Doxología después de la Plegaria eucarística, Misal romano*. Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/catechism\\_po/index\\_new/p2s2cap1\\_1420-1532\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/catechism_po/index_new/p2s2cap1_1420-1532_po.html)> acessado em 13/01.14.

GHIRARDI, Pedro Garcez – *Laudato sie, mi Signore, cum tucte Le tue criature - São Francisco de Assis e o Cântico das Criaturas*. Livre docente da FFLCHUSP – Disponível em: <http://www.hottopos.com/seminario/sem2/pedro.htm>>, acessado dia 14/07.13.

HAURÉLIO, Marco. *Peleja do Riachão com o Diabo – um enigma*. Disponível em: - <http://marcohaurelio.blogspot.com.br/2011/10/manoel-riachao-um-enigma.html>> acessado em 03/01.14.

KNIGHT, Kevin. *Get Catholic Encyclopedia and More*. Disponível em: <http://www.newadvent.org/cathen/09438b.htm> > acessado em 22/10.13.

LEBRUM, Monsenhor. *As penas do Purgatório – Santo Tomás de Aquino*. Disponível em: [http://missatridentinaemportugal.blogspot.com.br/2009/11/as-penas-do-purgatorio-santo-tomas-de\\_02.html](http://missatridentinaemportugal.blogspot.com.br/2009/11/as-penas-do-purgatorio-santo-tomas-de_02.html)> acessado em 04/12.13.

PIERONI, Geraldo. *Passagem para o Purgatório*. Revista NetHistoria. Disponível em: [http://www.nethistoria.com.br/secao/artigos/440/passagem\\_para\\_o\\_purgatorio/](http://www.nethistoria.com.br/secao/artigos/440/passagem_para_o_purgatorio/)> acessado em 22/10.13.

RAMOS, Fabio Pestana. *O Brasil como o Purgatório dos vivos*. Disponível em: <http://fabiopestanaramos.blogspot.com.br/2011/07/o-brasil-como-purgatorio-dos-vivos-o.html>> acessado em 20/10.13.

VIRGOLINO, Joarez. *Padre Cícero*. Disponível em: <http://padrescasadosceara.comunidades.net/index.php?pagina=1418690029>> acessado em 07/01.14.

WALKER, Daniel: *Padre Cícero, a sabedoria do conselheiro do Sertão*. Disponível em: <http://www.padrecicero.net/p/conselhos.html> > acessado em 12/01.14.

ZIERER, Adriana. *Paraíso versus Inferno: a Visão de Túndalo e a Viagem Medieval em Busca da Salvação da Alma (séc. XII) – Universidade Federal do Maranhão* <http://www.uab.cat/record/112667>> acessado em 02/12.13.

<sup>1</sup> SILVA, Wanderley Reis – Tradutor, Teólogo, Historiador, Palestrante e Pós-Graduado pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo, wanderley.rs@terra.com.br.

<sup>2</sup> LEE GOFF, Jacques - Nasceu em Toulon, 1/01/1924 e faleceu em Paris, 1/04/2014, aos 90 anos, historiador especialista em Idade Média. Autor de dezenas de livros e trabalhos, membro da Escola dos Annales, pesquisador no Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS), sucedeu Fernand Braudel, foi diretor de estudo na École des Hautes Études em Sciences Sociales, publicou estudos que renovaram a pesquisa histórica, sobre mentalidade e sobre antropologia da Idade Média; artigos sobre as universidades medievais, o trabalho, o tempo, as maneiras, as imagens, as lendas. Ele renovou o gênero biográfico pelos seus métodos e suas reflexões sobre a possibilidade de conhecer um personagem da Idade Média.

<sup>3</sup> Sheol – lugar de purificação ou punição para os mortos. Com Le Goff, a paisagem do Sheol retém duas paisagens que serão primordiais no dogma do Purgatório, a saber, a montanha e o rio; existe o mundo dos seres viventes e o mundo dos mortos – dualismo – sendo que, este último aparece, segundo Le Goff, como um lugar de tortura; a classe dos incircuncisos, as vítimas de assassinatos, os mortos por execução e aqueles sem sepultura, conforme os textos da Bíblia de Lutero. (SI 6.5,6;49.15,16 e 16.10,11).

<sup>4</sup> AQUINO, Professor Felipe Rinaldo Queiroz de - É Doutor em Engenharia Mecânica pela UNESP (Universidade Estadual Paulista) e Mestre na área pela UNIFEI (Universidade Federal de Itajubá), também foi Diretor da FAENQUIL, atual Escola de Engenharia de Lorena (EEL-USP) durante 20 anos. Com 73 livros publicados pelas editoras Cléofas, Loyola e Canção Nova. Sempre abordando temas baseados na doutrina católica, ele sabe como poucos tratar de temas comuns ao ser humano, como espiritualidade, namoro, casamento, família, entre outros.

<sup>5</sup> KNIGHT, Kevin – Editor do Jornal “Of New Advent”.

<sup>6</sup> AUGUSTODUNENSIS, Honorius - Estudo do Elucidarium: o desenvolvimento da espiritualidade e da religiosidade nos séculos XI e XII, sob a égide dos novos ideais reformadores da Igreja, especialmente como estes se deram na Inglaterra. A intenção é a partir da análise do Elucidarium explicar e explicitar as peculiaridades do desenvolvimento dos ideais reformistas e do imaginário na Britannia da época. A escolha do Elucidarium se justifica tanto por sua abrangência bem como por sua simplicidade de tecitura e complexidade de conteúdos. Esse tratado, uma espécie de Summa Totius Theologiae, constitui-se em importante janela de compreensão da utensilagem mental dos homens do medievo, já que apresenta de todas as grandes preocupações teológicas de um homem da *intelligentia* voltadas para a formação do clero e para as distintas clivagens do laicato. Mais do que buscar um viés interpretativo alternativo ao dos clássicos ou mesmo entrar em pequenas querelas sobre pormenores cabe àquele que deseja trazer nova luz sobre o assunto uma mudança de foco. O que procuramos com o presente estudo é entender por quais mecanismos os ideais dogmáticos propostos pelo pólo eclesiástico se imiscuem nos costumes e tradições do pólo laico, perfazendo assim um percurso pendular entre as distintas vertentes de uma cultura composita. É perseguindo tal objetivo que nos debruçamos na análise do Elucidarium para fazermos ouvir seus silêncios. Compreender o não-dito por meio da análise sistemática de seu discurso e suas temáticas recuperando assim, a contrapelo, por meio de seus indícios uma concepção mais clara da sociedade da época. (CARVALHO, João R. C. S – M USP).

<sup>7</sup> PIERONI, Geraldo – É historiador formado pela Universidade Federal de Minas Gerais. Fez seu curso de mestrado na Universidade Federal da Bahia, onde defendeu tese sobre portugueses degredados no Brasil. Doutor em História pelo Institut de Recherches sur les Civilisations de l Occident Moderne/ Iniversité Paris-Soborne (Paris IV) e especialista na história do degredado inquisitorial, publicou, no Brasil e exterior, livros e artigos.

<sup>8</sup> RAMOS, Fabio Pestana - Doutor em história social – USP, MBA em Gestão de Pessoas – UNIA, Licenciado em história – CEUCLAR, Licenciado em filosofia - FE/USP, Bacharel em filosofia - FFLCH/USP.

<sup>9</sup> LIMA, Francisco Ferreira de – É Professor Titular de Literatura Portuguesa da UEFS. Graduado em Letras pela UFBA, Mestre pela PUC-RJ, Doutor pela USP e Pós-Doutor pela University of London – King’s College. É autor de “O outro livro das maravilhas: A peregrinação de Fernão Mendes Pinto (Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998) co-editor de A cor das letras e editor de Lêgua & Meia.

<sup>10</sup> SOUZA, Laura de Mello e – Historiadora e Professora de História Moderna na USP desde de 1983, faz parte do conselho editorial da Revista de História da biblioteca Nacional, além de diversas produções literárias. É ganhadora do Prêmio da Academia Brasileira de Letras dentre outros.

<sup>11</sup> ABREU, Márcia – Professora da UNICAMP, é fruto de suas pesquisas desde a graduação (1982) até o doutorado (1993) sobre “o processo de adaptação da literatura de cordel portuguesa em solo brasileiro, que teria originado a literatura de folhetos nordestina”.

<sup>12</sup> SILVA, Virgolino Ferreira da - Conhecido popularmente pelo apelido de Lampião, foi o principal e mais conhecido cangaceiro brasileiro. Nasceu na cidade de Serra Talhada (PE) em 7 de julho de 1898 e faleceu em Poço Redondo (SE) em 28 de julho de 1938. Ficou conhecido como o “rei do Cangaço”.

<sup>13</sup> VIRGOLINO, Padre Juarez - em sua página da web: <http://padrescasadosceara.comunidades.net/index.php?pagina=1418690029>

<sup>14</sup> WALKER, Daniel - professor adjunto da Urca (aposentado), graduado em História Natural, pós-graduado em História do Brasil, jornalista, escritor e pesquisador de história regional.